# EXTENSÃO RURAL E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: cotidiano que se relacionam[1]

Maria das Graças Ataíde de Almeida[2]
Isabel de Jesus Santos[3]
Universidade Federal Rural de Pernambuco, PE

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo discutir o cotidiano da extensão rural e da extensão universitária, a partir do Grupo Agrovida, situado no Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. A pergunta norteadora do artigo é: quais os cotidianos da extensão rural que se relacionam com a extensão universitária no âmbito do Grupo Agrovida? Para responder tal pergunta, tomaram-se como referenciais: Maria Lousa da Fonseca (1985); Paulo Freire (1983; 2011); Edineide Jezine ( 2000; 2002); Michel Thiollent ( 2011); Certeau (2008); Almeida (2001) e; Thompson (2008). A metodologia utilizada foi baseada em documento oficial do estatuto do Grupo Agrovida, dos relatórios do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão Universitária e assuntos relevantes à Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural-PNATER. O estudo esta pautado em cunho qualitativo na perspectiva das análises dos documentos oficiais da instituição. Para esta reflexão, buscamos apontar pontos de vista dos referidos teóricos sobre a Extensão Rural no que tange a Extensão Universitária, e ai mesmo tempo, o cotidiano dessa associação, tomando como análise as ações do Grupo Agrovida no projeto Uniater[4]: projeto este de ATER[5] voltado para geração de ocupação e renda para os territórios do Baixo Sul e do Recôncavo da Bahia.

**PALAVRAS-CHAVE:** extensão rural; extensão universitária; agrovida; cotidiano.

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a relação existente entre o cotidiano da extensão rural e da extensão universitária a partir das ações do Movimento de Apoio a Agricultura

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desenvolvimento Regional e Local do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Professora do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX - UFRPE, email: ataide@hotlink.com.br

[3] Mestranda do Curso Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX - UFRPE, email: isaagronomia@gmail.com.

[4] Universalização da Assistência Técnica e Extensão Rural.

[5] Assistência Técnica e Extensão Rural

Familiar e Agroecologia (AGROVIDA)[6], situado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia(UFRB). O cotidiano acadêmico do AGROVIDA no campo da extensão universitária é anterior a própria criação da UFRB Lei (11.151/ 2005), que nasce de maneira substantiva e não arbitrária, sendo este um aspecto relevante na maturação do grupo, considerando que a extensão passou a ser apreendida em face de um conjunto de ações, vislumbrando o aprendizado sobre os problemas atuais e cotidianos.

> A extensão universitária é, na realidade, uma forma de interação que deve existir entre a universidade e a comunidade na qual está inserida. É uma espécie de ponto permanente entre a universidade e os diversos setores da sociedade. Funciona como uma via de duas mãos, em que a Universidade constrói e troca conhecimentos e/ ou assistência à comunidade, e recebe fluxos positivos como retroalimentação tais como suas reais necessidades, seus anseios, aspirações e também aprendendo com o saber dessas comunidades. Ocorre, na realidade, uma troca de conhecimentos, um que a universidade também aprende com a própria comunidade sobre valores e a cultura dessa comunidade. Assim. A universidade pode planejar e executar as atividades de extensão respeitando e não violando esses valores e cultura. A universidade, através da Extensão, influencia e também é influenciada pela comunidade, ou seja, possibilita uma troca de valores entre sujeitos da comunidade e da universidade (UFRB, PROEXT, 2010, grifos nosso).

Observa-se que o cotidiano da extensão universitária com a extensão rural a partir da relação da intervenção na sociedade, comunidades e mesmo, proporcionando nova dinâmica na universidade com a presença dos sujeitos que estão neste Território do Recôncavo, principalmente quando se refere a prática-envolvimento com a comunidade. Nesta busca do cotidiano, apontamos a necessidade de discutirmos a categoria Extensão Rural.

A Extensão Rural é uma categoria que busca discutir no âmbito teórico as ações práticas do extensionista rural- estudantes e profissionais das Ciências Agrárias e, de certa forma, estabelece nítida relação com o cotidiano da extensão universitária, que desde o seu nascedouro esta atrelada aos conceitos de ideologia e prática. De acordo com Fonseca (1985), a Extensão Rural nasceu nos Estados Unidos após a Guerra de Sucessão onde os fazendeiros buscavam se organizar em associações para revolver seus problemas. [...] "Nessas associações surgiu o hábito de se realizarem reuniões e palestras sobre as dificuldades da produção agrícola, tendo em vista a busca de técnicas adequadas para

[6] É uma associação civil, de caráter sócio ambiental, educacional e cultural, sem fins econômicos, de duração por tempo indeterminado, regido pelo presente Estatuto e pelas demais disposições legais que lhe forem aplicadas. A associação foi constituída para promoção do Desenvolvimento Rural Sustentável e em todo território nacional (AGROVIDA, 2004).

solucioná-las" (FONSECA, 1985, p.38). Aqui, o cotidiano aparece com pautas comuns dos agricultores e, juntamente com a busca de soluções.

Para Certou (2008) as relações entre objetos, estudando o *continum*, espaço este privado (endógeno – casa) e ao mesmo tempo se torna público. De fato, o autor trata-se da problemática da organização da vida cotidiana, cujo domínio perpassa os comportamentos em espaço social, com códigos de cortesia; o ritmo de andar e os símbolos na tradição cultural dos sujeitos. A presença dos agricultores na universidade supõe novas relações objetivas – presença e subjetivas- emoções e sentimentos.

Para Lever *apud* Fonseca (1985) os extensionistas trabalham desde a década de 1914 com professores do Departamento de Agricultura nos Estados Unidos buscando estender os conhecimentos da agronomia para tais agricultores. Assim, forma-se o *continum.*

Nessa perspectiva, observa-se a semântica da palavra Extensão ( FREIRE, 2011) sendo ato de estender algo a alguém, ação esta que confere passividade na ação, caracterizada entre dois sujeitos. No caso da extensão rural: um que estende o conhecimento e o outro sujeito que recebe o conhecimento.

Para fins de nossa pesquisa, utilizaremos a definição de Extensão Rural de Paulo Freire (2011), que confere a extensão rural um sentido dialógico, perpassando as acepções da comunicação.

A Extensão Rural pode ser um campo maior – incluem os aspectos da educação no âmbito da extensão universitária que também é extensão rural. A extensão universitária, segundo Kunsch, *apud* Leão (2012, p. 23), é "atuar de forma que o seu ensino sua pesquisa e seus serviços de extensão atendam as exigências dos novos tempos, sob a perspectiva de um enfrentamento dos problemas da estrutura socioeconômica vigente".

O cotidiano dos sujeitos que independente de qual quer lugar, homens e mulheres constroem relações e significados fundamentados por Certeau (2008), constituições fundamentais para simbolização de qual quer época em territórios mundiais e com características intrínsecas de cada cultura, apontado também por Thompson (1998), onde relata a simbologia a simbologia das questões subjetivas, por exemplo, as relações que perpassam um ato de venda de esposas ou trocas.

Para entender o cotidiano do Grupo Agrovida no âmbito da extensão rural relacionadas à extensão universitária, buscamos responder a seguinte pergunta: quais os cotidianos da extensão rural que se relacionam com a extensão universitária no âmbito do Grupo Agrovida.

Para tanto, este trabalho buscou uma metodologia qualitativa para responder a questão da intervenção do Grupo Agrovida. Nas ações extramuros, o grupo buscou compreender as práticas do Projeto Uniater. Já na compreensão das ações no meio acadêmico houve a necessidade de fazer um estudo documental a partir do estatuto, relatórios de atividades e o regimento da instituição.

A intervenção da UFRB, desde sua constitucionalização- ano de 2005 participa assiduamente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão Rural das Instituições de Ensino Superior no Brasil para compreender essa relação e suas ações práticas, ações estas que se denominam metodologias participativas, e que conferem aos sujeitos do campo a possibilidade de socializar conhecimentos no meio acadêmico, como também, permite à comunidade acadêmica trocar informações e conhecimentos com a comunidade externa( UFRB-PROEXT, 2013).

> A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.16).

Podemos considerar que desde a década de 1980 (FORPROEX[7], 2012) temos a constituição do Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão Rural. No ano de 2012, foi elaborado a Política Nacional de Extensão Universitária. Esta política elenca vários objetivos que norteiam o princípio da indissocialibilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

> A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p.16).

Para Santos (1986, p.26) a extensão universitária "é vista como uma forma de ensino inter-relacionada com a comunidade, de maneira a realimentar o sistema a acelerar os processos de desenvolvimento [...]"

## A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: relação teoria e prática com a Extensão Rural

> A prática de atividades de Extensão Universitária, no Brasil, remonta ao início do século XX,praticamente coincidindo com a criação do ensino superior. Suas

[7] Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras

> primeiras manifestações foram os cursos e conferências realizados na antiga Universidade de São Paulo, em 1911, e as prestações de serviço da Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa, desenvolvidos na década de 1920. No primeiro caso, a influência veio da Inglaterra; no segundo, dos Estados Unidos. ( FORPROEX, 2012, p.7).

Desde o seu nascedouro, existe um diálogo entre universidade e sociedade, cotidiano este que busca envolver a comunidade acadêmica nas discussões acerca das necessidades da comunidade externa. Estes métodos servem de base para a consolidação do tripé das universidades: ensino, pesquisa e extensão.

Já no período pós-guerra, percebia-se a necessidade de reconfigurar a universidade com sua função social resignificando antigos hábitos. Santos (1986) fez uma pesquisa no Brasil para verificar qual o entendimento sobre extensão universitária e obteve a seguinte resposta: a) Extensão invasora, manipuladora e opressora e, b) Extensão como comunicação, dialógica e problematizadora (SANTOS, 1986, 36).

> O nascedouro da extensão universitária confunde-se com a importação de know-how das experiências extensionistas rurais praticadas por universidades norte-americanas**....** A extensão rural no país, hoje, pouco guarda a ideia original e procura desenvolver, no setor agrícola, métodos gerenciais e empresariais voltando-se a uma assistência técnica para grandes e médios proprietários (SANTOS, 1986, p. 38).

Pode-se ainda afirmar que a primeira experiência da extensão aponta nitidamente a relação da extensão rural com a extensão universitária no Brasil, ação marcada com a Semana do Fazendeiro. Santos (1986, p.39) mostra sua preocupação com os menos favorecidos, o camponês, e sugere "[...] penso que está mais do que na hora de pensarmos na Semana do Camponês... ou Semana Rurícola [...]".

Pelas ações descritas acima, percebe-se os aspectos da extensão invasora, manipuladora adotada pelas universidades brasileiras na década de 80, autoritárias para erradicar todas as simbologias do "atraso", imaginário esse construído e absorvido pela sociedade rural na década de 1980, principalmente a partir das experiências das instituições: Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa/MG e pela Escola Superior Agrícola de Lavras ( JEZINE,2002).

A incorporação de novas concepções ideológicas no processo de extensão universitária, capaz de provocar inquietação da sociedade, no Brasil, surge a partir dos Movimentos Estudantis visando uma prática da extensão como uma ação problematizadora, inovadora, considerando a extensão como comunicação, dialógica ( SANTOS, 1986).

> Essa concepção de universidade e extensão universitária permaneceu no ideário estudantil e intelectual, tendo seu ápice nos movimentos de cultura e educação popular, ocorridos entre o final da década de 50 e início da década de 60, em que se destaca a experiência extensionista da Universidade do Recife, com o Serviço de Extensão Cultural, que desenvolveu importantes trabalhos de Alfabetização de Jovens e Adultos com base na filosofia de Paulo Freire (JEZINE, 2002, p. 107).

O próximo tópico será dedicado à compreensão do termo *extensão* implicados em práticas de extensão universitária e extensão rural.

## CONCEPÇÃO DE EXTENSÃO: processo educativo, cultural, político e científico

A concepção de extensão abarca a ideia de Paulo Freire a respeito de extensão como um processo dialógico e de aprendizagem. Ao falar em extensão rural também direciona seu olhar para as habilidades profissionais das Ciências Agrárias e aponta o cotidiano de tal profissional.

> "(...) o agrônomo educador que não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, pois que esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar. Não há de considerar perdido o tempo de diálogo que problematizando critica e criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação. Ainda quando, para nós, o trabalho do agrônomo educador se restringisse apenas na esfera do aprendizado de técnicas novas, não haveria como comparar a dialogicidade com a antidialogicidade"( FREIRE 1983, 71-72).

A ideia de extensão, para Paulo Freire (1983, p.45) sugere um processo educativo dialógico "o que caracteriza a comunicação é o diálogo, assim como o diálogo é comunicativo", o autor sugere a comunicação, no lugar da extensão. A comunicação como algo dialógico que requer atenção de ambas as partes, não apenas no viés tecnicista do fazer, no entanto, ao pensar na matriz de produção, e nos processos de formação, a lógica hegemônica, ou seja, a técnica do fazer persiste na academia, bem como a reprodução do funcionalismo.

Portanto, pontuamos questões da extensão rural que estão inseridas nas formas de atuação desse serviço, aspecto este de interesses sociais e políticos que de certa forma está interligado com as maneiras de intervenções na sociedade, fruto anteriormente de um discurso acadêmico.

Neste sentido, a extensão rural no Brasil, durante muitos anos foi baseada na teoria de difusão de inovações, a partir de um imaginário de modernização no campo, isto reflete até hoje na formação dos profissionais das Ciências Agrárias, porém, o Grupo Agrovida,

começou a problematizar a Extensão Rural a partir da formação na academia, para tanto, foi preciso inserir no contexto da Extensão Rural.

> Portanto, o fazer educativo da extensão universitária se diferencia em sua concepção filosófica e epistemológica, pois sua prática educativa envolve uma opção política, conscientizadora e transformadora. A ação extensionistas requer algo mais que o simples estudar o objeto, passa a exigir, para sua execução um envolver-se, rompendo com dicotomias teoria-prática, senso comum-consciência filosófica, universidade-sociedade ( JEZINE, 2002, p.11)

Conforme aponta Jezine (2002) as concepções de extensão universitária dialógica surgem a partir das ações do Movimento Estudantil, ações estas que confere ao Grupo Agrovida ressonância na prática da extensão rural com o fazer da extensão universitária, que, segundo o seu estatuto tem como um dos objetivos: "prestar assistência técnica e extensão rural para agricultores familiares, comunidades quilombolas, áreas de reforma agrárias, pesca e piscicultura, fundo de pastos e/ou atingidos por barragens" (AGROVIDA, 2004, p. 2).

> Projeto aprovado em 2010 pelo Governo do Estado da Bahia através de um convênio com a EBDA - Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola em parceria com a Superintendência da Agricultura Familiar – Suaf/ SEAGRI, a partir de edital 016/2010, (DIÁRIO OFICIAL 02/07/2010),. Foi prestada assessoria técnica e extensão rural a 1898 famílias no âmbito do Território do Recôncavo e Baixo Sul da Bahia, sendo 1273 agricultores familiares organizados em redes associativas diretamente e mais 616 agricultores assistidos nas oficinas de artesanato, no período de Setembro de 2010 à Dezembro de 2011 ( SANTOS DE, 2012, p.1).

Dessa forma, trata-se de um processo de articulação entre a universidade e a sociedade, interação no cotidiano que aponta os diferentes fazeres, olhares e sujeitos, preservando assim um constante diálogo entre a sociedade e a universidade, significado este da extensão rural pautadas nas ações do décimo significado da extensão rural, como aponta Callou (2006) que tem como objetivo estimular, animar, e apoiar iniciativas de desenvolvimento rural sustentável, envolvendo atividades agrícolas e não agrícolas, e no fortalecimento da agricultura familiar, visando a melhoria da qualidade de vida e adotando os princípios da Agroecologia como eixo orientador das ações.

No entanto, durante mais de meio século de existência da Extensão Rural no Brasil, não foi possível promover mudanças significativas. Esse serviço ainda encontra-se pulverizada com resquícios de toda a sua trajetória histórica e polissêmica (CALLOU, 2006).

O cotidiano do Grupo Agrovida, passa também pelo posicionamento político perante sua organização para defender uma ação de Extensão Rural que tivesse alicerçada nos conhecimentos de base agrecológica.

> O Agrovida com sua atuação ao longo destes anos e mais concretamente como entidade de prestação de serviços de ATER, com a gestão dos seus membros, vem formando profissionais diferenciados dos demais, devido ao comprometimento com uma "Nova Extensão Rural" baseada em princípios agroecologicos, metodologias participativas articulada em redes em parceria com sociedade civil e movimentos sociais articulados com as políticas publicas de fortalecimento da juventude rural e da agricultura familiar (OLIVEIRA, 2012, p.35).

Desse modo, foram construídas várias relações com diversos sujeitos: comunidade acadêmica e comunidade territorial. Entrelaçando com diversas instituições: associações e cooperativas dos (as) Agricultores (as) Familiares, Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Comitê Gestor do Território do Recôncavo, Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e Prefeituras Municipais.

> A universidade nesse discurso não mais aparece como transformadora da sociedade nem como redentora dos problemas sociais. Seu compromisso social e político é com a situação de exclusão social e política. Para tanto as universidades e as Pró-Reitorias de são orientadoras de induzirem projetos e programas destinados a enfrentar esse problema, na perspectiva da promoção da organização da comunidade ( JEZINE, 2006, p. 200-201).

Esta relação se presta ao papel do Grupo Agrovida, que de posse dos conhecimentos âmbito da educação formal e não formal construíram caminhos importantes para a extensão rural com as comunidades. O primeiro passo diz respeito ao conhecer a realidade dos assistidos; o segundo dialogar sobre a realidade diagnosticada; o terceiro planejar as ações com a comunidade; o quarto construir as ações e torná-las no plano de formação da comunidade, neste caso, foi apontado ações que norteassem com os princípios da Agroecologia[8] serviu de base para as ações de extensão rural. Jezine (2002, p. 13) diz que a extensão universitária "não pode se restringir a mera transmissão de informações técnicas, ao contrário necessita estar em constante processo de troca de saberes, em que a Universidade passa a ser o espaço de pluralidade" .

Deste modo, o Grupo Agrovida ( associação de Estudantes) começou a dialogar com os agricultores familiares do Território do Recôncavo. A partir de iniciativas dos estudantes e

[8] Ciência que tem uma abordagem transdiciplinar. A Extensão Rural de abordagem Agroecológica valoriza os conhecimentos dos sujeitos, considerando a Ideia de Paulo Freire que existem saberes diferentes.

dos agricultores familiares foi possível construir níveis de ação prática em extensão rural a partir das seguintes concepções de extensão universitária.

A primeira visão de extensão universitária é vista em seu caráter processual numa dimensão sócio-educativa-cultural-política e cientifica que viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A segunda é uma visão de extensão como um conjunto articulado de programas, projetos e outras ações que ampliam a formação no âmbito acadêmico. A terceira concepção diz respeito a um conceito de extensão, voltado à perspectiva da produção do conhecimento, via fluxo de ações que podem favorecer a troca de saberes resultante do confronto entre a teoria/prática que implica em uma constante atualização científica pelo Engenheiro(a) Agrônomo(a)( AGROVIDA, 2012).

A compreensão do termo extensão no primeiro momento para o AGROVIDA apresenta-se como um enigma e as tentativas em decifrá-lo contribuem para elucidar os contornos tão variados deste termo que reflete a prática acadêmica do estudante no campo da Extensão Rural no Centro de Ciências Agrárias Ambientais e Biológicas que vem aprimorando suas ações á partir de um conjunto de saberes, fazeres, estratégias, crenças, ideias, valores e mitos traduzidos entre os agricultores familiares no Território do Recôncavo.

## O APERFEIÇOAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO MEDIADO PELA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COM ÊNFASE NO RURAL

Entre o pensar acadêmico e o fazer prático dos agricultores familiares, existe uma mensagem que precisa ser mediada entre os diversos sujeitos, Paulo Freire, (2011), fala sobre a Comunicação como um dos meios para proporcionar tais fazeres. Considera-se o diálogo algo tão importante no processo de envolvimento das universidades com as comunidades.

> Esse objetivo pressupõe uma ação de mão dupla: da Universidade para a sociedade e da sociedade para a Universidade. Isto porque os atores sociais que participam da ação, sejam pessoas inseridas nas comunidades com as quais a ação de Extensão é desenvolvida, sejam agentes públicos (estatais e nãoestatais) envolvidos na formulação e implementação de políticas públicas com as quais essa ação se articula, também contribuem com a produção do conhecimento. Eles também oferecem à Universidade os saberes construídos em sua prática cotidiana, em seu fazer profissional ou vivência comunitária ( FORPROEX, 2012, p.18).

Nos espaços de formação na comunidade há um compartilhamento de assuntos de interesses comuns, para os estudantes (integrantes do Agrovida) bem como para os

agricultores, estas questões são problemáticas e surgem na comunidade, para o agricultor (a) dialogar, e os problemas são compartilhados entre diferentes sujeitos.

Nesse processo de trocas de informações e conhecimentos surge então a proposta chave do Agrovida: "promover a Extensão Rural com base nos princípios da Agroecologia". Para nós, há uma aproximação entre diferentes sujeitos em torno do objeto. Como diz Paulo Freire (2011) a Educação como prática de liberdade não é a transferência ou transmissão do saber nem da cultura.

> Para nós, a "educação como prática de liberdade" é, sobretudo e antes de tudo, uma situação verdadeiramente gnosiológica. Aquela em que o ato cognoscente não termina no objeto cognoscível, visto que se comunica a outros sujeitos, igualmente cognoscentes.(FREIRE, 2011, p.106-107).

A partir das ações de extensão universitária, os integrantes do Grupo Agrovida conseguiram vislumbrar a "produção do conhecimento acadêmico" buscando linhas de pesquisas, bem como professores que pudessem orientar o objeto de estudo, a partir da vivência de campo, dos problemas enfrentados pelos agricultores familiares, que de certa forma passaram a ser nossos problemas, uma vez que estamos sempre dispostos a construir um campo de conhecimento a partir da vivência prática.

Por outro lado, essas experiências vivenciadas entre diferentes sujeitos de diferentes níveis educacionais vêm fazendo com que se construa pesquisa, tanto em nível de iniciação científica na graduação, como a construção de projetos de pós-graduação, a exemplo das experiências de vários estudantes que compõe e que compuseram o Agrovida.

Para fins do nosso entendimento, a extensão universitária é tida como parte da formação acadêmica, como afirma Serrano *apud* Jezine (2006, p. 252)

> [...] produz conhecimento com base nas experiências vivenciadas, que possui metodologias próprias e diferenciadas para o trabalho de interface com diversos segmentos comunitários, que gera produção acadêmica e realimenta o ensino e a pesquisa.

Os estudantes, componentes do Agrovida, nas ações com a comunidade problematizam as situações reais das comunidades, de cunho organizacional, ou metodológico, ou em situações de pragas e doenças das plantas e animais domésticos e, entre outros assuntos de cunho agronômico.

A esta problematização deu origem vários trabalhos de conclusão de curso, estágios supervisionados, dissertações e algumas teses.

> A extensão, segundo essa concepção, volta-se para o interior da universidade, tendo caráter integrador do ensino-pesquisa com o mesmo nível de importância que essas funções na estrutura universitária. Entretanto, a adoção dessa concepção pelas diferentes universidades [...] ( JEZINE, 2006, p.253).

Nesta perspectiva um dos métodos que proporciona tal intervenção é a especificidade da pesquisa-ação que consiste no relacionamento desses dois tipos de objetivos: a) O objetivo prático: contribui para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, com o levantamento de soluções e proposta de ações correspondentes às 'soluções' para auxiliar o agente (ou autor) na sua atividade transformadora da situação;

> As atividades de Extensão Universitária constituem aportes decisivos à formação do estudante, seja pela ampliação do universo de referência que ensejam, seja pelo contato direto com as grandes questões contemporâneas que possibilitam. Esses resultados permitem o enriquecimento da experiência discente em termos teóricos e metodológicos, ao mesmo tempo em que abrem espaços para reafirmação e materialização dos compromissos éticos e solidários da Universidade Pública brasileira(FORPROEX, 2012, p.18).

b) objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por meio de outros procedimentos, aumentar nosso conhecimento e determinadas situações (THIOLLENT *apud* SILVA, 1991).

> É necessário que os pesquisadores levem em consideração os aspectos comunicativos na espontaneidade e no planejamento consciente de ações transformadoras. Tal comunicação não é concebida como processo unilateral de emissão-trasmissão-recepção, e sim como processo multidirecionado e de ampla interação. Este processo é normalmente dirigido no sentido de fortalecer tendências criadoras e construtivas (THIOLLENT, 2011 pg.86).

Como foi discorrido, o presente artigo buscou demonstrar que a partir das ações de Extensão Universitária, os integrantes do grupo Agrovida conseguiram deslumbrar o mundo da Extensão Rural. Assim sendo, eles e elas, jovens cientistas foram buscando linhas de pesquisas, bem como professores que pudessem orientar o objeto de estudo desejado, caminho este que trilharam vários estudantes que vivenciaram a experiência do Grupo Agrovida.

Os objetos de estudos foram todos surgiram a partir da vivência de campo, dos problemas enfrentados pela agricultura familiar do Território do Recôncavo, que de certa forma passaram a serem problemas de investigação científica, principalmente no campo do

conhecimento da Agroecologia e Extensão Rural. Os estudantes egressos estão inseridos nas instituições governamentais, não governamentais e movimentos sociais do campo, que atuam com o serviço de Extensão Rural.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M das G. A. A. de. **A construção da Verdade Autoritária. Capítulo III**. Universidade de São Paulo-SP, 2008.

AGRICULTURAS: **Experiências em Agroecologia.** Revista, v.7, nº 3. Rio de Janeiro, out. 2010.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação Rural**. Brasiliense. 1983.

CALLOU, A. B. F. Extensão Rural: Polissemia e Resistência. In: **IV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural**, 2006, Fortaleza. **(CD-ROM),** 2006.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, A. J.; PAULUS, G. **Agroecologia: matriz disciplinar ou novo paradigma para o desenvolvimento rural sustentável**. Disponível em: www.agroecologiaemrede.org.br/.../P399_2005-11-10_133719_016.pdf > *Acesso em: 17* de mai de 2013.

CERTEAU, M. de; GIARD, L; Mayol, P. FIn: Alves, Ephraim, F. Alves e Otch, Lúcia Endlich. **A Invenção do Cotidiano:** morar cozinhar. 8 ed. Petrópolis- RJ, 2008.

FONSECA , M. T. L. da. **A Extensão Rural no Brasil**, um projeto educativo para o capital. São Paulo, 1985.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**, 4º edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para liberdade**, 4º edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**, 16ª edição, Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**, 4º edição, Rio de Janeiro Paz e Terra, 1979.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 50 º edição, 2011.

GOMES, M.A.O. SOUZA, A.V.A. de. CARVALHO, R.S. de. **Diagnóstico Rápido Participativo (DRP) como mitigado de impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários.** In: Metodologia participativa: uma introdução a 29 instrumentos. BROSE, Marcuse (org.). Porto Alegre-RS: Tomo Editorial, 2005, 205p.

JEZIANE, Edineide. **A crise da Universidade e o compromisso social da Extensão Universitária**. João Pessoa. UFPB. 2006.

OLIVEIRA, B. M. S. et al. **A experiência do Agrovida com o Projeto Uniater: novo caminho de fortalecimento da Agricultura Familiar**. Extensão Universitária - Periódicos. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Pró-Reitoria de Extensão. v. 2, p. 207-217, 2012.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Fórum de pró-reitores de extensão rural das instituições de educação superior públicas brasileiras**., Manaus-Amazonas, maio de 2012. Disponível em: http://www.proec.ufpr.br/downloads/extensao/2012/legislacao/Politica%20Nacional%20de%20Extensao%20Universitaria%20maio2012.pdf. Acessado em 10 de jan, 2013.

SANTOS, Renato Quintino dos. **Educação e extensão:** domesticas ou libertar?. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986. 70p.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo, 1998.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA-PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO. **Concepção de Atividade Extensionista**. Disponível em: http://www.ufrb.edu.br/proext/index.php/extensao/concepcao. Acessado em: 12 de janeiro de 2013.